

O Japão terá de dizer sim

CAIO LUIZ DE CARVALHO

Depois de grande polêmica na imprensa, a ministra Zélia Cardoso de Mello e o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Eduardo Modiano, vão participar da reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em Nagoya, domingo. A idéia original do governo brasileiro era concluir o acordo com os nossos bancos credores de forma que tivéssemos esse trunfo na reunião. Talvez assim a agenda no Japão pudesse ser enriquecida e mais produtiva. De qualquer forma, o embaixador Jório Dauster está correndo contra o tempo, tentando um milagre que poderia fazer essa viagem ser bem-sucedida.



Nossas autoridades econômicas têm ido ao Japão e sempre voltam com ilusões de que os resultados foram satisfatórios. Na sequência, descobre-se que tudo se resumiu à tradicional cordialidade oriental.

No mês passado, em viagem ao Japão, nós nos encontramos com muitos dos interlocutores que nossas autoridades costumam encontrar. Encontros nos quais a diplomacia de fachada deu lugar a colocações francas.

O espaço para o Brasil no Japão será aberto se houver empenho para a solução de três problemas: queda da inflação, estabilidade cambial e acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e bancos credores.

Essa tese pode ser ouvida tanto do diretor-executivo da Keidanren, Kazuo Nukazawa, como de banqueiros ou de integrantes da Dieta japonesa. Nukazawa acredita que o Brasil será a Nova América, mas deixa escapar os ensinamentos que repete às missões brasileiras que o procuram.

Na estrutura empresarial japonesa quem manda não é o presidente, mas sim os acionistas. Acionistas que cobram resultados imediatos. O papel dos bancos e os caminhos que indicam são fundamentais.

Do lado governamental, a visão não é tão diferente. Um importante consultor do Ministério das Finanças do Japão aborda o fato de que México, Chile, Venezuela e até mesmo a Argentina estão solucionando seus problemas com a comunidade financeira internacional. Diz não compreender como o Brasil está nesta situação, "país extraordinário que é".

Para ele, um dos maiores erros do governo brasileiro é a não-continuidade e acompanhamento dos projetos iniciados pelos primeiros escalões. Nossas autoridades esquecem-se de que a

partir das cerimônias, audiências e pose para as fotos é que o trabalho começa.

Lá, como no Brasil, ministros e chefes de Estado mudam. A diferença é que no Japão os técnicos permanecem. São estes que precisam estar municiados, convencidos e conquistados para que nossos projetos não fiquem arquivados ou engavetados.

Nas viagens presidenciais ou ministeriais fica sempre convencionalizado que, em seguida, será enviada uma missão técnica brasileira. Até hoje, os japoneses estão esperando...E nós também!

O competente embaixador do Brasil no Japão, Carlos B. Bueno, sabe de tudo isso e procura orientar o comportamento das missões oficiais e empresariais dentro dessas regras. No retorno ao Brasil, no entanto, o follow up tem sido esquecido e todo o trabalho, comprometido.

Pelos sintomas, não será ainda desta vez que as coisas melhorarão. Se o Brasil fechar o acordo, que não parece fácil, a ministra Zélia Cardoso de Mello tem a chance de iniciar o resgate de nossa credibilidade no Japão.

Mais do que tudo, vai sentir que aquele país está precisando dizer sim às nossas propostas e pedidos de cooperação.

Hoje uma classe empresarial e política ascendente no Japão já começa a se preocupar com o futuro de seu país, sua complexa situação geográfica e outros fatores. No mês passado, o jornal **Japan Times** publicou uma pesquisa realizada nos EUA em que 67,2% dos americanos repudiavam o auxílio financeiro recebido por George Bush de Toshiaki Kaifu, para a guerra do Golfo. Esse tipo de rejeição e mais os problemas de falta de espaço, questionamentos da juventude japonesa quanto à forma de vida e o rigor dos costumes lá adotados indicam que pedras começam a atrapalhar a poderosa economia de hoje.

Restrições aos japoneses existem também nos países asiáticos, por causa de ranços históricos, e na Europa, com sua superpopulação, toda voltada para o fortalecimento do Mercado Comum Europeu.

O Japão precisa de parceiros que recebam bem seu povo, seu capital, suas indústrias e que, em contrapartida, ofereçam matéria-prima e campos para expansão. O Brasil tem esse figurino.

Se estamos tendo dificuldades em saldar compromissos assumidos irresponsavelmente no passado, é importante que os outros fatores sejam também analisados pelos políticos, banqueiros e empresários japoneses. Hoje o Brasil precisa do Japão e este tem condições de ajudar.

O momento do sim é agora, depois pode ser tarde!

□ Caio Luiz de Carvalho é representante no Brasil da Japan Management Association e diretor da Must Business.